

Cadernos de Afeto

Relatos de Experiência do Bloco de Estudos TO e Raça



Clay Fragelli
Letícia Ambrosio
(org.)

© 2021 by Grupo de Estudos Africanidades, Feminismos:
Educação e Terapia Ocupacional - AFETO
Direitos dessa edição reservados à Comissão Permanente de Publicações Oficiais e Institucionais - CPOI
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização expressa do Editor.

Organização

Clau Fragelli

Leticia Ambrosio

Ilustrações

Clau Fragelli

Capa

Clau Fragelli

Leticia Ambrosio

Revisão e Editoração

Clau Fragelli

Leticia Ambrosio

Normalização: Marina P. Freitas

Reitora

Ana Beatriz de Oliveira

Vice-Reitor

Maria de Jesus Dutra dos Reis

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Cadernos de afeto: relatos de experiência do bloco de estudos TO e raça / organizadoras: Clau Fragelli, Leticia Ambrosio. — São Carlos : UFSCar/CPOI, 2021. 31 p.

ISBN: 978-65-86558-28-9

1. Mulheres negras. 2. Terapia Ocupacional. 3. Relações étnico-raciais. I. Título.

Sumário

Apresentação	4
Os encontros e desencontros da terapia ocupacional	7
A Terapia Ocupacional que há em mim	10
Sentidos e Sentir.....	12
Caminhos - Terapreta	14
Sou eu e sou todas nós	16
Compreendendo o lugar da branquitude: reflexões sobre racismo	18
Movimento	20
Afetada, com AFETO	22
o preto cuidado, cuidado preto	25
Aqui.lombei-me	28
O que Sonho para a TO	30
Por tanto, empreteci	33
Referências	36

Apresentação

Agora o lixo vai falar

Mulheres negras, desde o início da colonização/escravização no Brasil, constituem a base da sociedade brasileira, a qual foi construída pela exploração e violência contra negros e negras, e pelo estupro de mulheres negras por homens brancos. Relegadas aos trabalhos considerados mais submissos e precários, mulheres negras são o grupo populacional, ainda hoje, que mais sofrem com as desigualdades em todos os âmbitos da vida cotidiana: trabalho e renda, educação, saúde, moradia e habitação (GONZALES, 2018).

Lélia Gonzales, mulher negra brasileira, intelectual, cansada de ser tratada como lixo, adverte: agora é a vez do lixo falar. E nós falaremos pela escrita. Escrever é um ato político. Por que nós, mulheres negras, temos de escrever? Porque nossas vozes tem sido caladas, silenciadas, sufocadas, há centenas de anos. E escrever, é subverter a lógica colonial e patriarcal. Spivak (1995) questiona: “Pode a subalterna falar?” E responde “não”. Grada Kilomba (2019) nos adverte: não só podemos falar, como devemos. Para sairmos do lugar de *objeto*, deixarmos de ocupar o lugar de ser *Outro*, subjugado, silenciado, estudado, apontado, diminuído, para ocuparmos o lugar de sujeitos e sujeitas de nossa própria história, é preciso escrever.

O Grupo de Estudos Africanidades e Feminismos: Educação e Terapia Ocupacional (AFETO) nasce em 2018 com uma proposta de reunião, de encontro, como *aquilombamento*, como Quilombo político-social-cultural-intelectual (NASCIMENTO, 2006, 2009), entre mulheres negras, estudantes de graduação, de pós-graduação, e docentes vinculadas à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Criado pelas coordenadoras do grupo, desde

seu nascimento, por meio de projetos de extensão universitária, o Grupo vem realizando encontros e eventos para estudos na transversalidade dos campos de Educação e Terapia Ocupacional.

Em 2019, tivemos a realização do “*1 Café com AFETO*”, aberto a toda comunidade que tivesse interesse em discutir temáticas relacionadas às Relações Étnico-Raciais, ao Feminismo Negro e outros feminismos subalternos (indígena, lésbico, transfeminismo, e outras vertentes). Este evento teve a participação de mais de 100 pessoas e contou com apresentações de trabalhos, rodas de conversas e mesas de debates.

Em 2020, continuamos com encontros quinzenais, numa perspectiva de cuidado frente à pandemia para mulheres negras na universidade e entre mulheres negras, além das reuniões para estudos. Neste mesmo ano, também realizamos a segunda edição do *Café com AFETO*, na modalidade virtual, com rodas de conversas, palestras e apresentação de trabalhos.

Vendo o crescimento do Grupo e a ampliação do alcance para fora da UFSCar, decidimos ofertar Blocos de Estudos Abertos, de forma virtual, com a possibilidade de reunir pessoas de diferentes localidades.

O primeiro Bloco de Estudos Abertos teve como temática central estudos em “Terapia Ocupacional e Relações Étnico-Raciais”. Além da participação das mulheres negras que compõe o Grupo (terapeutas ocupacionais, educadoras e estudantes de graduação), participaram outras sete mulheres, sendo quatro terapeutas ocupacionais formadas e três estudantes de graduação em terapia ocupacional.

Ao todo, foram realizados quatro encontros de estudos coletivos entre novembro e dezembro de 2020, com leituras de literaturas do campo da Terapia Ocupacional que discutissem raça, negritudes e/ou relações étnico-raciais para a prática de TO. Em todos os encontros, tivemos a participação média de 15 mulheres.

Para o último encontro, foi sugerido que todas as participantes pudessem produzir um texto, de formatação livre, que trouxesse reflexões sobre o processo de estudo, reflexão e raciocínio. Após o compartilhamento das produções escritas, percebemos, enquanto coletivo que, o que havia sido produzido, co-criado, merecia sair a público, merecia ser falado e ser ouvido. Para acrescentar mais cor a relatos tão intensos, foram produzidas ilustrações em aquarela pela Clau, coordenadora do projeto de extensão.

A Terapia Ocupacional, desde sua criação, no Brasil e no mundo, vem se firmando em teorias coloniais, patriarcais, heterocisnormativas, capacitistas e racistas, que contribuem para manutenção dos sistemas de opressão (RAMUNGONDO, 2015, 2018). A supremacia branca e imperialista vai se mantendo na TO desde as suas estruturas teóricas, metodológicas e práticas, e é preciso criar possibilidades de enfrentamento e rupturas com essas lógicas (HAMMELL, 2011), para que possamos vislumbrar e construir Terapias Ocupacionais antirracistas, anticoloniais, antipatriarcais, antiheterocisnormativas, anticapitalistas e anticapacitistas.

Este livro tem como objetivo expressar a co-produção de conhecimentos e saberes e divulgar o Grupo de Estudos AFETO no campo das Relações Étnico-Raciais e das Interseccionalidades de sexualidade-gênero-raça.

Que vocês, leitoras e leitores, possam apreciar os escritos, ouvir-nos, e compartilhar dessas *escrevivências* (EVARISTO, 2020).

*Leticia Ambrosio e Clau Fragelli
Coordenadoras do AFETO
Março de 2021*

Os encontros e desencontros da terapia ocupacional

Ervelley Moreira Cardoso dos Santos

Os encontros podem ser potentes
resistentes, desistente
tudo depende
depende do que a gente entende
sobre nós e a nossa história
depende de como vemos a vida
depende de como a gente se localiza
depende do que a gente acredita

Nos livros acadêmicos podemos conhecer uma parte da história
carregada de construções
valorizações
depreciações

negações

mas ela não é única como bem diz Chimamanda Ngozi Adichie

a história também é oral

ancestral

Nos conhecer é reconhecer

é entender a sociedade que estamos inseridas

é não ser ingênua a vida

a vida de injustiça

a vida embranquecida

a vida onde acontece a separação dos corpos pela sua cor da pele

pela sua negritude

pela sua atitude

Conhecer o nosso lugar de fala, como bem diz a Djamila Ribeiro

É compreender e potencializar as nossas práticas antirracistas

Acreditando que cada pequena ação promovida

provocará mudanças significativas

E pensar nas ações da terapia ocupacional

É acreditar nas diferentes formas de intervenções

Provocações e problematizações

Diante da naturalização das relações de silenciamento do povo preto.



A Terapia Ocupacional que há em mim

Aline Paixão

Quando me faço morada de mim mesma e me aquilombo em outras moradas com experiências que se aproximam em dor e amor, vou me aconchegando pro lado de dentro pra entender aqui fora. Quando me busco no cotidiano, tudo fica mais escuro. Escuro o suficiente pra enxergar quem foi posto invisível, escuro demais para ver o que me negam, o que me impedem. Quando me formo através de diferentes olhares tenho o meu, que só acontece com tantos outros, necessitando de tantos saberes. Provocada pelo olhar branco, cisheteronormativo, me esvaziei para tentar caber e aqui estou, me enchendo pra nem chegar perto do que esperam de mim. Que eu saiba cuidar de mim e saudar minha ancestralidade, para poder cuidar de outros, tão dolorosos quanto, tão bonitos quanto. O preto tem se feito paz pra



resistir nesse viver. Que eu possa ser caminho e ponte pro outro ser e sentir. Eu já não sei mais onde eu termino pra começar a terapia ocupacional que acredito. Me perco nas atividades que me envolvem quando quero envolver o outro esperando que esse outro tenha de mim tanto quanto tenho dele. Da técnica à prática o que há em mim grita, e na minha dificuldade de externar encontro na terapêutica, lugar onde esse grito possa se transformar em acolhimento, afeto, troca, atividades, significações e ressignificações. A terapia ocupacional que construo se transforma todos os dias, quer derrubar muros e atravessar corpos para manifestar as possibilidades de estar no mundo. Atuar preto para um fazer preto. Ampliar o que eu vejo, descolonizar mentes, me fazer presente e ver moradas de possibilidades. Aquilombar as referências para caminhar junto. Tirar da invisibilidade os diferentes corpos e suas diferentes histórias, contextos, desejos, vontades e cotidianos reais, que experienciam o mundo real com toda sua perversidade. Ter coragem, ser voz, escutar, falar, permitir o sim, permitir o não, criar espaços. Entendendo a eterna continuidade de aprendizados, em diferentes cantos, buscando os vários corpos e seus sentidos. Sabendo que quando não souber para onde ir, devo olhar para trás e saber pelo menos de onde vim.

Sentidos e Sentir

Fernanda Lima

Uma Terapia Ocupacional negra! Ou seriam terapias ocupacionais negras? Diversas e em construção coletiva.

Até ser pertencente a este grupo, jamais concebi uma visão que pudesse contemplar as raízes profundas que nos marcam enquanto povo, enquanto mulheres, enquanto terapeutas ocupacionais e pesquisadoras do campo.

Pensar práticas e produções teóricas que possam celebrar a negritude em sua potência e pautar lutas para garantia de direitos de todas as pessoas a serem olhadas, acolhidas e cuidadas nos diferentes contextos pelos quais percorremos e nos quais estamos inseridas, entendendo que o enxergar, o acolher e o cuidar necessariamente precisa considerar e compreender raça.

São os encontros afetuosos e pulsantes do AFETO que me trouxeram acolhimento e cuidado para dores antigas, muitas vezes sem nome, mas reais. Foi ali que pude me aproximar do sonho de um projeto de cuidado em Terapia Ocupacional que se comprometa a dialogar com os atravessamentos que inúmeros marcadores sociais determinam na vida e trajetória de tantas gentes, sobretudo mulheres negras.



Um espaço que nos permite existir e nos fortalece a germinar e florescer em terrenos que mesmo áridos, nos fazem esperar pelo viver, pois há cuidado, há acolhida, há generosidade, há amor e muito, muito afeto a ser coletivamente construído e sentido.

Obrigada a cada uma de vocês por cada abraço e aconchego vivido apesar das distâncias, por cuidarem das dores e ampliarem os risos, por ressignificarem tantas palavras e tantos sentires.

Caminhos - Terapeuta

Shavana Naziazeno

Começo pedindo licença aos meus ancestrais, pedindo a benção aos meus mais velhos e dando benção aos meus mais novo. Essa experiência foi um retorno ancestral.

O desejo de uma Terapia Ocupacional antirracista vem do lugar, de colocar as pessoas negras como centro da sua realidade de mundo e não mais na ponta, não mais no lugar onde nunca fomos convidadas a apresentar o nosso olhar, as nossas narrativas, as nossas perspectivas. E como construir uma prática profissional em Terapia Ocupacional a partir das perspectivas de mundo (de negres, dos quilombos, dos terreiros, das aldeias indígenas)? Entendendo outras possibilidades de pensar o ser, a clínica, a arte, a cultura e a filosofia não no viés colonizador, ocidental, normativo, racional e branco.

A experiência do encontro, da troca, da possibilidade de existir junto de outras mulheres negras, estudantes de diferentes universidades, reafirma o desejo por outras Terapias Ocupacionais que pedem passagem e reverberam em muitos corpos e muitas práticas. Aqui busco e teço, a partir do encontro e das afetações, caminhos para o como...com a esperança de poder por em movimentos os nossos desejos.

Terapreta¹

é sobre gestar aquilombamentos,

é sobre enegrecer uma prática fazendo um retorno ao Sul,

ao ventre da vida, a terra mãe dos ancestrais... fazendo um caminho de volta a África,
para banhar-se de conhecimento afrocentrado, decolonial

Terapreta é sobre combater apagamentos

é sobre acompanhar processos de luta

é sobre dar passagem para as afetações que se apresentam,

é sobre tecer caminhos com o outro para o cuidado, movendo modos de existência
singulares e pluriverais

é sobre compor ou descompor as atividades com o outro

é acolher um corpo num fazer, na expressão de determinado jogo/campo de forças

é sobre combater o racismo

é sobre combater as desigualdades

Terapreta é sobre corpos alguns mais retintos ou nem tanto

é sobre mulheres

Terapreta sou eu, terapreta somos nós



¹ O termo terapreta é um neologismo usado pela primeira vez pela terapeuta ocupacional Marlete Oliveira, em referência a uma prática de terapia ocupacional negra.

Sou eu e sou todas nós

Ludymilla Maria Teixeira Pereira



Pensei muito, mas estava difícil escrever. Na verdade, de iniciar. Então escolhi utilizar uma frase de Michele Obama: "Se queremos chegar a algum lugar juntos, devemos estar dispostos a dizer quem somos".

Partindo disso, lembrando dos caminhos que passei, dos encontros vividos e do grupo, que foi mais um espaço que me permitiu existir e perceber minha prática como um reflexo de quem sou e de como sou moldada por ela...

Então, sou Ludymilla, preta, mulher, nordestina, mãe de Gabriel, Lucas e Sophia, terapeuta ocupacional, funcionária pública, antimanicomial, trabalhadora e usuária do SUS e que tem a prática como um ato de (re)existência, não permitindo que o quilombo seja livre apenas quando morrer (parafraseando Carolina de Jesus). Que acredita que

a saúde, sabedoria e a consciência do povo daqui é o medo dos homens de lá. E que segue cantando "*Você não vai me ajudar a cantar/ Essas canções de liberdade? / Porque eu só tive/Canções de redenção*"²

Trazendo isso e revisitando lembranças e sentimentos dos encontros, me vi em muitas falas, nos relatos de cada uma, nos textos, vídeos e músicas. Às vezes à flor da pele, outras sentindo o peso da couraça...

Tive certeza que não vou me render, como Rosa Parks, e me aquilombei.

Gratidão.

² Original: "*Won't you help to sing/These songs of freedom?/Cause all I ever have/Redemption songs*". Tradução nossa. Bob Marley. "Redemption Song"

Compreendendo o lugar da branquitude: reflexões sobre racismo

Amanda Leticia Davrado

Não recordo como soube do grupo AFETO, recordo-me que realizei a inscrição pela internet porque tive uma afinidade enorme quando li sobre suas ações e propostas. Realizei a minha inscrição escrevendo um texto despretensioso, pois tenho pouco conhecimento na área que o grupo se propôs a discutir. Qual grande foi minha surpresa quando vi que tinha sido uma das escolhidas para fazer parte desse grupo.

Meus anseios em participar do grupo eram tentar compreender as questões de etnias e os estigmas sobre o perfil do grupo de pessoas que são usuárias dos atendimentos de Terapia Ocupacional dentro do sistema penal (que na sua maioria são presos pela cor da sua pele, a textura do seu cabelo e sua condição socioeconômica). Na verdade, eu procurava me despir dos (pré)conceitos formados no meu consciente e inconsciente durante toda minha trajetória de vida.

No início dos encontros, achei que o grupo era para leitura e discussão de textos, então eu lia os textos indicados, fazia meus apontamentos e escrevia algumas discussões do que concordava ou não, porém percebi que os textos eram apenas figurantes em um universo



de “falas negras” que ouvia nas reuniões. As vivências relatadas por cada participante, me fizeram refletir muito sobre a minha prática e os usuários do serviço.

Imagina só, eu, uma mulher branca oriunda de uma faculdade particular elitista, com colegas em sua maioria branca, tendo a oportunidade de ouvir sobre sentimentos e vivências de pessoas que sofrem preconceito de uma sociedade totalitária por causa da sua cor de pele!! Sou grata por ter tido essa grande oportunidade.

Enfim, como não tinha muito a contribuir, assumi o papel de expectadora assídua e observadora de várias falas de personagens e lugares diferentes. Sempre esforçando-me a imaginar a infinita dor dessas pessoas vítimas de preconceitos, e esforçando-me mais ainda a entender a dor daquelas pessoas que são privadas de liberdade por fazer parte de um grupo que foi deixado à margem da sociedade, que não possuem os seus direitos reconhecidos, que são desprovidos de dignidade, tornando-se “não pessoa”, inimigos da sociedade. Esses corpos negros que são indesejáveis e que nós, membros da sociedade, encarceramos para não ter que lidar com eles no mesmo espaço.

Hoje agradeço todas as discussões, vídeos e depoimentos que só corroboraram com o que percebo e tento escrever: A Seletividade Penal.



Movimento

Beatriz Borges Silva

Desde que entrei no Grupo AFETO, tenho tentado pensar em como trazer para a minha produção acadêmica o tema da negritude, entendendo que é uma pauta minha também enquanto mulher, negra, de baixa renda, a primeira a cursar uma universidade pública na minha família. E, entendendo que esse espaço da universidade pública não é composto por disciplinas sobre o tema, na grade curricular, de maneira obrigatória.

A cada encontro do AFETO, uma nova busca por aquilombar-me mais. E além disso produzir sobre esse movimento tão importante na minha vida. Tive um *insight* em uma conversa informal com uma amiga, membro do AFETO e que tem (com)partilhado do mesmo processo de aquilombamento. Comecei a construir, com a ajuda dela, a



possibilidade de estudar sobre a felicidade dos corpos negros. Ou melhor, quais são as concepções de felicidade para os povos africanos.

Talvez o fato de eu não ter tido esse *insight* antes é porque eu não associasse diretamente felicidade ao corpo negro, uma vez que, as notícias que envolvem estes corpos são, em sua maioria, sobre a violência sofrida pelos mesmos. Entendi que até o momento, todos os meus estudos sobre felicidade estavam centrados em concepções de autores brancos, europeus e norte-americanos. O que me deixava submersa na noção de felicidade do branco e para o branco.

Pensando que enquanto TO preciso me reconhecer como potência para levar o aquilombamento para outros sujeitos que necessitam, entendi que sim, quero compor-me e compor na academia sobre a felicidade dos corpos negros e seus atravessamentos inúmeros que trouxemos em discussão neste bloco de estudo, lendo e falando sobre autores negros, principalmente.

Que belo poder compartilhar com e em AFETO essa desconstrução e reconstrução. Gratidão à cada uma de vocês por envolver-me em tanto cuidado! Sou muito grata desse movimento acontecer de dentro de nós para o mundo!

Afetada, com AFETO

Stéphanie Matos

Eu acredito que toda experiência é válida na nossa vida e pode servir de aprendizado, mas existem algumas que são especiais pelas trocas que são proporcionadas naqueles momentos. Nós, aqui, trocamos não só conhecimento, mas também vivências que enfraqueceram ou fortaleceram a gente em diversos níveis. E isso porque temos a raça/etnia em comum que também pode ser comum à de nossos clientes. O que me faz questionar o quanto estamos preparades para encarar e transformar terapeuticamente o que recebemos deles, pois podem ser atravessamentos perversos ou sutis. E mesmo estudando, reconhecendo e compreendendo todos os contextos, podemos ser afetades pelas histórias deles e de suas famílias. Ao invés de oferecer o suporte necessário ou fazer nosso trabalho terapêutico, podemos apenas querer abraçar ou até mesmo realizar contratransferências (como o dia que levei um creme capilar para cabelos cacheados e crespos para um jovem infrator com transtorno de personalidade de 15 anos que gostaria de deixar os cabelos crescerem). Porque só nós sabemos de nós, do que é estar na nossa pele, do que é sofrer racismo sempre até quando não percebemos que é.

Enquanto pessoas, precisamos saber quem somos e enquanto profissionais, precisamos saber como agir, porque se a nossa presença física já faz muita diferença, imagina as nossas ações (Sempre me pego



pensando nos profissionais pretos que compartilham o espaço comigo, pois a grande maioria é da limpeza, da cozinha ou da recepção). Qualquer interação com um cliente negro que se reconhece em mim pela cor de pele ou pelo crespo do cabelo gera um sorriso e aumenta um vínculo. É uma diferença que eles sentem mais que nós? Muitas vezes nem temos noção da importância de nossas ações, mas esse olhar sensível e diferenciado é causador de muito bem-estar e isso não tem preço (falo deles e de nós também).

Refletir sobre cada paciente infantil negro que teve uma atividade com referência negra (um brinquedo, uma boneca, uma imagem de AVD com uma criança negra etc.), cada paciente jovem que realizou uma atividade sob o som de uma música de periferia após me solicitar, ou cada adulto que foi estimulado a cuidar de seus cabelos crespos já que gosta de diversos cortes, ou que foi ouvido sobre suas especificidades de homem, mulher ou LGBTQIAP+ negro me faz pensar que este é o caminho da

melhor terapia ocupacional que posso oferecer pois é consciente das questões de raça sobre todas as vivências.

Fico extremamente feliz de ter compartilhado esses debates com vocês, de conhecer essas fortalezas que são vocês e de saber que vocês existem. Isso renova as forças. Nos dá uma energia que por vezes é diminuída no dia a dia. Obrigada.

Afetada, com afeto.

o preto cuidado, cuidado preto

Leticia Ambrosio

Dizem as palavras
do mundo
Que as mãos do cuidado
são brancas

Dizem as palavras
do mundo
que as mãos do cuidado
são refinadas e delicadas
Tem perfume de rosas e
cor de algodão

Dizem as palavras
do mundo

que o cuidado é
limpo e são

Queria que me dissessem
as palavras do mundo
Quem cuida dos filhos
que caem no chão
do cinza de pólvora
do vermelho sangue e
do som de canhão

Queria que me dissessem
as palavras do mundo
Quem cuida da preta

sapatão
do roxo soco no olho
do fétido cheiro do
preconceito jogado
sobre seu caminhão

Queria que me dissessem
as palavras do mundo
quem cuida da bicha
preta e da travesti
De que cor é o afeminado
e que cheiro
tem a prostituição

Queria que me dissessem
as palavras do mundo
quem cuida do menino
abandonado, do homem

do saco e da tia
que limpa o chão

Desde que inventaram
o higiênico cuidado
a vida só existe
em cor de branco
destruição

As palavras
do mundo dizem
que preto cuidado
não é cuidado não
nem preto

A PALAVRA
do mundo
MENTE

O cuidado é vermelho
amor e quente
É azul do mar
que atravessa a gente
é o verde de lá
e de cá
que só quem sabe, sente.
é terroso de barro
que ergue estrutura que sustente
é preto cuidado
preto como (a) gente



Aqui.lombi-me

Dandara Pereira Sousa



Quando entrei na Universidade me vi sozinha. Em uma sala onde não me reconhecia em outro rosto que não fosse o meu. Não me reconhecia em uma voz que não fosse a minha e em nenhuma definição de terapia ocupacional que de fato acolhesse pessoas como eu: mulheres negras. Como em muitas outras vivências que tive na escola e em outros espaços de ensino.

Por estar em um ambiente de estudos no qual as questões que nos atravessam não são prioridade, onde só existe uma professora negra, em uma sala na qual quase todos são brancos, senti a responsabilidade de estudar/procurar referências que me formassem não só como estudante, mas como uma estudante negra de terapia ocupacional.

O silenciamento e as inúmeras discussões que deixavam a garganta desgastada também me fizeram perceber que eu precisava

colocar meu corpo em lugares nos quais ele fosse aceito e acolhido com as dores que tem, com as diversidades que carrega, e partilhar, no ambiente acadêmico, também de uma coletividade ancestral.

Nessa busca encontrei quilombos muito bonitos e potentes pelo caminho e agradeço a cada um deles por terem construído um espaço para a identidade negra dentro de mim. Junto com isso também construí um entendimento do que acredito como terapia ocupacional.

A partir do Grupo de estudos AFETO, do “Espaço Seguro”, da Linha de Pesquisa Atividades Afrorreferenciadas, Afro-acessibilidade Cultural, Negritude e Terapia Ocupacional (AAAfroNTO), dos Projetos de Extensão “Expressões potentes na escola pública: corpo e arte” e “Experiências sensoriais e artísticas com bebês”, percebi que as relações étnico raciais devem ser pautadas em todos os espaços de cuidado propostos pela terapia ocupacional e a importância dessa discussão para que eles sejam comprometidos verdadeiramente com as pessoas de maneira biopsicossocial.

Eu acredito no poder social e político dessa profissão e que o debate sobre as relações étnico raciais é uma ferramenta base para que realmente aconteçam mudanças estruturais.

Por isso penso que a terapia ocupacional que me representa e que eu aposto enquanto prática antirracista é aquela que aquilomba, é aquela que acolhe e que debate racismo a partir de referenciais negros. É a que vai de encontro ao preconceito velado, impulsiona a potência dessa identidade e reconhece de fato esse corpo.

O que sonho para a TO

Leticia Gomes Fonseca

Não existe a possibilidade de pensar o que sonho para uma prática em Terapia Ocupacional sem antes dizer do que sonho para o processo formativo, nesta área de conhecimento e de cuidado humano. Sonho em estudar durante a formação as produções de conhecimento das pessoas negras, intelectuais negras, negros, negres, e seus saberes populares também. São tantas referências, Neusa Santos Souza, Frantz Fanon, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Nilma Lino Gomes, Jurema Werneck, somos muitas, muitos, muitos. E durante meu processo formativo até cheguei a pensar, no início, em alguns momentos, que não existiam muitas intelectuais negras, negros, negres que poderíamos estudar. Hoje reflito sobre esse pensamento e me pergunto, como não? Como assim não existem muitas?

De acordo com os dados do IBGE, em 2019, 46,8% de brasileiros se declararam pardos e 9,4% se declararam pretos, ou seja, a população negra brasileira corresponde a um percentual de 56,2% de brasileiros. Somos muitos, e estamos sim produzindo conhecimento, estamos realizando muitas publicações. E não estudamos muitos desses conhecimentos na nossa formação, porque durante todo processo histórico do Brasil vivemos um epistemicídio dos conhecimentos produzidos por pessoas negras, processo que continua. Cabe a nós reivindicar a restituição dos conhecimentos que nos representam, de pessoas negras

que dizem sobre nós, para nós. Representatividade importa e isso salva vidas, nos nutre, fortalece, empodera e representa uma restituição histórica de lugares de poderes renegados, mas que nunca deixamos de lutar para ocupar.

Agora, sobre o que sonho para uma prática profissional em Terapia Ocupacional, não é muito diferente, sonho que possamos realizar junto às pessoas negras a oportunidade de atividades humanas significativas e que as representam, pensando na ampliação do cotidiano de forma empoderadora. Quantas atividades humanas são originárias do povo negro e nos foram negadas durante tanto tempo, e quantas ainda continuam discriminadas,



desvalorizadas. Sonho para que essas atividades sejam do conhecimento da Terapia Ocupacional, que tenha um engajamento, nosso, para o fortalecimento destas atividades, da cultura negra. A Capoeira, o Samba de Roda, as tradições de matriz africana, antes da Constituição Cidadã, foram atividades perseguidas pela sociedade. E hoje, a Capoeira e o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, são reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Sonho que Terapeutas Ocupacionais tragam para o seu campo de prática atividades afro-brasileiras e africanas, que seja do nosso conhecimento, vivência e ferramenta de empoderamento junto às pessoas negras.

Por tanto, empreteci

Flores Fernandes

Às vezes eu sinto que não passa de mera utopia essa tal de terapia ocupacional (em)pretecida

Por tantas vezes me vi apenas eu, e a força e dever de carregar e fazer valer o caminho das yabas

Por tantas vezes que precisei engolir seco, ou pior, o silêncio após dizer tanto, aquela desculpa esfarrapada
do branco.

Por muito tempo achei que era somente eu e elas (que lá de cima, de baixo e em todos os lados tanto me
fortaleceram)

Por muitas vezes me vi sem possibilidades de sentir. Nem ver, nem sequer acreditar que dava pra
continuar

Ocupação, atividades humanas, significado, sujeito, subjetivo... me davam brancos, literalmente nos dão
brancos o tempo todo.

Há algum tempo venho me carregando em tantas outras que hoje aqui estão presentes, em tantas outras
que escrevem, militam e fazem essa terapia ocupacional mais consistente

Companheiras pretas de caminhada, de luta e muita resistência que vem abrindo caminhos, ou ajudando a
manter abertos aqueles preparados pelas nossas ancestrais.

Estar nesse espaço é poder aos poucos ir dando sentido para a terapia ocupacional, criando possibilidade
de existir, de saber que posso ser e sentir, que não estou só. É romper com silêncios, conhecer as
palavras e usa-las para nos defender, dizer e enriquecer

Nas conversas de intervalos, nas queixas caminhando pela Federal, nas trocas de mensagens pelo *whatsapp*, nas reuniões de *meet*, nas escritas coletivas, nos almoços intensos, densos e tão significativos eu venho pouco a pouco existindo.



E poder respirar é simplesmente uma dádiva, um alívio.

Adupé por essa oportunidade.

Referências

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrevivência, a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.* Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In: Primavera das rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa.* Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

HAMMELL, Karen Whalley. Resisting theoretical imperialism in the disciplines of occupational science and occupational therapy. *British Journal of Occupational Therapy*, v. 74, n. 1, pp. 27-33, 2011.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.* Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africanista. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2009.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *In: RATTTS, Alex (org.). Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.* São Paulo: Instituto Kauanza, 2006. Pp. 117-125.

RAMUGONDO, Elelwani. Healing work: intersections for decoloniality. *World Federation of Occupational Therapists Bulletin*, United Kingdom, v. 74, n. 2, p. 83-91.

RAMUGONDO, Elelwani. Occupational Consciousness. *Journal of Occupational Science*, v. 22, n. 4, p. 488-501, 2015. Disponível em: DOI: 10.1080/14427591.2015.1042516.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Sobre as Autoras

Alice Fernandes de Andrade

Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos.

Aline Paixão

Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais.

Amanda Leticia Abreu Dourado

Terapeuta Ocupacional em Hospital Geral de Vitória da Conquista.

Beatriz Borges Silva

Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos.

Clau Fragelli

Pedagoga e Bacharela em Audiovisual, Mestranda em Terapia Ocupacional pelo PPPGTO-UFSCar. Professora de Educação Infantil na Unidade de Atendimento à Criança da UFSCar.

Dandara Pereira de Sousa

Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos.

Ervelley Moreira Cardoso dos Santos

Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos.

Fernanda Felício de Lima

Terapeuta Ocupacional, Mestra em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos.

Leticia Ambrosio

Terapeuta Ocupacional, Mestra e Doutoranda em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos.

Leticia Gomes Fonseca

Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos.

Ludymilla Maria Teixeira Pereira

Terapeuta Ocupacional na prefeitura de Cabedelo e tutora da Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Federal da Paraíba.

Shauana Naziazeno

Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Santa Maria.

Stéphanie Santana dos Santos Matos

Terapeuta Ocupacional na prefeitura de Juazeiro do Norte.



afeto

Africanidades, Feminismos: Educação
e Terapia Ocupacional